

Renovação e evolução dos gêneros textuais: os Salmos e os cânticos religiosos contemporâneos

Camile Regadas Tanto

Abstract:

The main goal of this paper is to identify the characteristics that constitute the identity of the Psalms and the contemporary religious songs to understand the relationship of adoption and adaptation between the empirical texts and genres on which they depend (cf. Bronckart, 2006). More specifically, I intend to check whether textual genres such as Psalms maintain their productivity through their "contemporary equivalents" (contemporary religious songs), despite the time distance and the model of genres.

Introdução

Os textos bíblicos têm despertado interesse ao longo da história por vários fatores, nomeadamente pela riqueza da narrativa (histórica para uns, fabulosa para outros), pela multiplicidade de temas tratados, pela construção textual, pela simbologia, entre outros.

Os textos são objetos empíricos e funcionam como sistemas complexos que variam com o tempo e cuja dinâmica interna se altera pela influência recebida do exterior (cf. Miranda e Coutinho, 2005 apud Coutinho, 2006). Ciente dessa complexidade, meu objetivo neste trabalho é identificar as características que constituem a identidade do gênero salmos e cânticos religiosos a fim de perceber a relação de adoção e de adaptação entre os textos empíricos e os gêneros dos quais dependem (cf. Bronckart, 2006). De forma mais específica, pretendo verificar se gêneros textuais como os Salmos mantêm

sua produtividade através de seus "equivalentes contemporâneos" (os cânticos religiosos), apesar da distância temporal e das diferenças no que se refere ao modelo de gêneros.

Este trabalho está dividido em três partes. Primeiramente apresento a fundamentação teórica no que se refere às atividades de linguagem, aos gêneros textuais e aos textos empíricos. Em seguida centro a minha atenção nos Salmos, enquanto gênero textual, verificando quatro aspetos, nomeadamente, a estreita relação entre os salmos e a música, a finalidade dos salmos, os títulos que lhes foram atribuídos e a sua classificação.

No terceiro momento procedo à análise comparativa das dimensões contextual e linguística dos salmos e dos cânticos religiosos contemporâneos a fim de perceber a relação de adoção e adaptação do gênero nos textos empíricos em questão

e a fim de verificar a validade da hipótese lançada no início deste trabalho.

Atividades de linguagem, gêneros de textos e textos empíricos

Segundo Bronckart (2004), agir socialmente em determinada prática social requer a apropriação e a interiorização das significações sócio-históricas do meio no qual o homem está inserido e isso se dá pela prática, mas também e frequentemente, por meio da mediação linguística, i.e. por meio de textos. Os textos são, portanto, as manifestações empíricas primeiras das atividades de linguagem (cf. Bronckart, 2004:18).

É preciso considerar, contudo, que as novas produções não se dão no vazio. Afinal, o homem, como ser histórico, está inserido num meio pelo qual é influenciado e formado; é preciso, então, adotar a ‘forma comunicativa’ mais adequada e adaptá-la à situação de ação.

Tais formas comunicativas são “modèles indexés, pour les contemporains et pour les générations ultérieures” (cf. Bronckart, 1997:137), chamados *gêneros textuais* e estão disponíveis no *intertexto*.

Os *gêneros textuais* são categorias abstratas disponíveis em cada prática social (*atividade de linguagem*, jornalística, religiosa, literária, etc.) instituídos socialmente. Assim, para que o sujeito adote e adapte um gênero é preciso que ele

convoque dois tipos de conhecimentos: o primeiro (social), referente ao contexto de ação, i.e. a sua representação em relação ao contexto de ação; o segundo (discursivo), referente a modelos de ‘formas comunicativas’ utilizadas socialmente em contextos semelhantes (Bronckart, 1997).

O resultado da adoção e adaptação é a realização concreta dos gêneros, i.e. um texto empírico. Os *textos* são, então, a manifestação dos *gêneros*, ou seja, os objetos empíricos, tal como circulam em sociedade.

“os textos (objectos empíricos, tal como circulam em sociedade) são objectos multifacetados, associados a actividades sociais e à acção concreta de um agente particular, realizados em função de modelos prévios (os gêneros disponíveis no arquitecno) e de acordo com os recursos e as possibilidades de uma determinada língua.” (Coutinho, 2005:84)

Daí decorre a possibilidade de se considerar os textos como objeto primeiro da análise linguística (cf. Rastier, 2001 *apud* Coutinho, 2005, p. 80). Vale, contudo destacar que, apesar de reproduzir um gênero, isso não se dá de maneira uniforme e inflexível. Tal reprodução pode acontecer de forma mais fiel ou mais livre, daí considerar-se que cada texto envolve ao mesmo tempo dois planos na produção e

interpretação textual: o plano da genericidade e o plano da singularidade (Coutinho, 2007:639).

O plano da genericidade refere-se ao adotar (um gênero, referido por Bronckart, 2004) e à identidade (de um gênero, destacada por Adam, 2002 *apud* Coutinho, 2007), ou seja, corresponde às características prototípicas de determinado gênero.

O plano da singularidade que se refere ao adaptar o *gênero* à *atividade* (Bronckart, 2004) e ao princípio da diferença (Adam, 2002 *apud* Coutinho, 2007) diz respeito aos mecanismos utilizados na textualização do gênero que fazem de cada texto, um texto único.

Salmos, em busca de parâmetros de gênero

Os salmos não são criações e produções exclusivas do povo hebreu. Os tabletas de Ras Shamra¹ comprovam que os salmos, como forma literária, eram frequentes entre os babilônios e os cidadãos de Ugarite, i.e. comum à maioria das literaturas do antigo Oriente Próximo, desde o período do Êxodo até o fim do período pós-exílico (Douglas, 1995; Alter, 1997).

¹ Os tabletas de Ras Shamra são cerca de 350 inscrições descobertas entre os anos de 1929 e 1969 na região do norte da Síria. Tais textos foram escritos em escrita cuneiforme (sumeriano, um dialeto local do babilônico, e em hurriano), em hieróglifos heteus e egípcios, em ciprotá, e num alfabeto cuneiforme até então desconhecido (ugarítico). (Douglas, 1995, p. 128 e 129)

Alter (1997) acrescenta ainda que os salmos, como forma literária, antecedem os salmos bíblicos de ao menos três ou quatro séculos. De acordo com esse autor, o estudo e análise do material arqueológico supracitado ainda permite afirmar que os autores bíblicos tomaram de empréstimo para as suas composições não somente a forma, mas também imagens, expressões e até mesmo “sequências completas de linhas de tradição salmódica pagã sírio-palestina, escrita em uma língua intimamente cognata do hebraico.” (p.263) A maior distinção entre os textos bíblicos e os demais mencionados é o caráter declaradamente monoteísta dos primeiros (Davidson, 1997).

O gênero salmos fazia parte do conhecimento coletivo da civilização daquele tempo e, assim como há intertextualidade entre os salmos bíblicos e os textos de origem pagã, o movimento contrário também pôde ser observado, como observa Alter (1997: 263).

“um texto recentemente decifrado do Egito do século II a.C., composto em aramaico e grafado em caracteres demóticos egípcios, é considerado uma possível adaptação pagã ou mais provavelmente sincrética do Salmo 20.”

Os salmos bíblicos foram, então, produzidos com base em um modelo de gênero que foi adotado e adaptado

(Bronckart, 1997:138). A popularidade desse gênero, comprovada pela existência de vários textos empíricos, revela a sua importância na constituição cultural.

Os salmos, tal como quaisquer textos empíricos, são produtos concretos que comentam e regulam as atividades coletivas e que são receptáculos dos conhecimentos adquiridos e transmitidos de geração em geração (Bronckart, 2004:16).

Como já foi referido, o foco deste trabalho está centrado nos salmos bíblicos. Tais textos foram escritos por diferentes autores durante um período de quase 1000 anos (Hill e Walton, 2007) e compilados poucos anos antes da era cristã. O livro de *Salmos* tem uma introdução (Sl. 1 e 2) e apresenta uma divisão em cinco secções (Sl. 1-41, Sl. 42-72, Sl. 73-89, Sl. 90-106, Sl. 107-150), cujo objetivo aparente era apresentar equivalência entre a leitura deste e a leitura do *Pentateuco* feita na sinagoga, em cultos públicos.

“Este esboço, em cinco partes, era considerado como tendo correspondência com os cinco livros de Moisés e pode presumir-se que cada passagem de Pentateuco era lido em paralelo com o Salmo que lhe correspondia.” (Davidson, 1997, p. 498)

Relativamente à classificação, Douglas (1995:1456-1457) adverte para a

falta de consenso, uma vez que são adotados diversos critérios, nomeadamente o assunto referido no salmo, ou a partir de uma base psico-religiosa, a autoria ou a função litúrgica do salmo. Fee e Stuart (1997) adotam esta última. Para os autores existem 7 tipos de salmos: *Lamentações* (individuais e coletivas); *Salmos de Ações de Graça* (individuais e coletivas); *Hinos de Louvor*; *Salmos de História da Salvação*; *Salmos de Celebração e Afirmação*; *Salmos de Sabedoria*; *Cânticos de Confiança*. Considerando o caráter funcional dos Salmos para o Israel Antigo, Fee e Stuart (1997) destacam o papel instrutivo da leitura contemporânea desses textos.

Outro aspeto importante a ser referido diz respeito à estreita ligação entre esses textos e a música, que pode ser verificada por meio dos títulos dos salmos.

“Salmo de Davi ao mestre de canto, com instrumentos de cordas” (Sl. 4)

“Ao mestre de canto, para flautas. Salmo de Davi.” (Sl. 5)

“Ao mestre de canto, com instrumentos de cordas. Em tom de oitava. Salmo de Davi.” (Sl. 6)

“Ao mestre de canto, segundo a melodia ‘Os lagares’. Salmo de Davi.” (Sl. 8)

A análise dos títulos dos salmos parece-me importante, porque revela a estreita ligação entre o género e o recurso constante a outro sistema semiótico (no caso a música) envolvida em sua concretização. O que me leva a levantar a hipótese de que o acompanhamento musical possa ser, nesse género, um parâmetro que defina a sua identidade.

Salmos e cânticos religiosos: breve análise comparativa

Neste tópico, procederei à análise comparativa entre os *Salmos* e os *Cânticos*

religiosos contemporâneos. Advirto que meu objectivo não é apresentar uma comparação exaustiva, mas apresentar a tendência contemporânea a fim de verificar a validade da hipótese e ter uma base para trabalho futuro no qual este tema poderá ser aprofundado.

a) Dimensão contextual

Para a análise comparativa da dimensão contextual, achei que seria válido, em primeiro lugar, apresentar uma tabela² que compila todas as informações relativas a este tópico, algumas das quais serão discutidas mais adiante.

		Salmos		Cânticos religiosos
		Período bíblico	contemporaneidade	contemporaneidade
Parâmetros sócio-objectivos	Papel social do produtor	-Pessoas separadas exclusivamente para o serviço religioso (Tribo de Levi – sacerdotes) - Líder político/religioso (Moisés, David, Salomão)		- pessoas ligadas a determinada religião, mas não necessariamente separada exclusivamente para o serviço religioso
	Papel social do(s) receptor(es)	- Povo hebreu	- judeus, cristãos, islâmicos, leitores em geral	-adeptos das religiões que utilizam cânticos religiosos em sua prática litúrgica - leitores interessados
	Espaço social de produção	- locais por onde o povo hebreu peregrinou/viveu, sinagogas, romarias		- não é possível precisar
	Espaço social de circulação	- Sinagogas (cultos públicos) - cultos privados - festividades religiosas.	- Igrejas - locais de culto/leitura público(a) e privado(a)	- Igrejas, mesquitas - não é possível precisar (casas dos fiéis, programas de rádio/TV, sites confessionais, etc)
	Finalidade	-acompanhar o serviço religioso - prática devocional pública e individual	-Instrucional -Acompanhar o serviço litúrgico (o caso dos salmos responsoriais)	- acompanhar o serviço religioso, evangelizar

² Esta tabela foi instrumento de análise elaborada no âmbito do Projecto Getoc – Géneros textuais e organização do conhecimento, CLUNL, 2003-2006.

a.1) Os salmos, ontem e hoje: uma renovação

Ao proceder à observação dos salmos, numa perspectiva diacrônica, alguns aspetos devem ser comentados, nomeadamente: os recetores, o espaço de circulação e a sua finalidade.

Considerando que os salmos que circulavam no período bíblico são os mesmos que hoje são veiculados é importante destacar o alcance que tais textos ganharam ao longo da história. Escritos, inicialmente, para uso exclusivo dos hebreus e para circularem entre o povo hebreu, os salmos são hoje talvez o livro mais popular da Bíblia. São textos lidos e utilizados tanto pelo judaísmo, pelo cristianismo e pelo islamismo, sendo ainda objeto de atenção de milhares de pessoas que não necessariamente professam as religiões mencionadas, mas que interessam-se por tais textos por motivos religiosos, literários, académicos, etc.

Outra mudança sofrida ao longo do tempo diz respeito à finalidade dos salmos. Escritos originalmente para desempenhar papel específico na liturgia hebraica, os salmos hoje assumem uma função instrucional no meio religioso (Fee e Stuart, 1997; Davidson, 1997).

Segundo Fee e Stuart (1997) a leitura dos salmos nos nossos dias tem um papel instrutivo, que tem 3 benefícios básicos: os salmos constituem uma *orientação para a adoração*; os salmos demonstram, pelo

exemplo, como se pode ter um *relacionamento honesto* com Deus; os salmos demonstram a importância da *reflexão e da meditação*, é um convite à oração e à reflexão sobre a Bíblia.

a.2) Os salmos e os cânticos religiosos: uma evolução

A partir da tabela, discutirei 3 aspetos em relação à análise comparativa entre os *salmos e cânticos contemporâneos*. O primeiro ponto a ser destacado diz respeito à “democratização” da autoria. Os salmos eram escritos pelos levitas³, uma tribo do povo de Israel separada exclusivamente para o serviço religiosos, já os cânticos religiosos contemporâneos têm vários autores, que podem ou não dedicar-se exclusivamente ao ministério.

Em segundo lugar, quanto aos recetores e à finalidade dos cânticos religiosos, também é perceptível o aumento do alcance desses textos. Enquanto os salmos bíblicos circulavam no meio do povo hebreu, a serviço, principalmente, da liturgia; os cânticos, além dessa função litúrgica podem e são utilizados como instrumento de evangelização, uma vez que há cânticos escritos especificamente para este fim. Então, ao mesmo tempo em que os cânticos assumiram a função litúrgica dos salmos nas celebrações religiosas contemporâneas,

³ Não é possível dizer que os salmos escritos por Davi e Salomão constituam exceções, uma vez que esses três autores exerceram liderança política e religiosa sobre os hebreus (cf. Ex.3, 1Sm.16, 1Rs.1).

também alargaram a sua função a fim de alcançar novos fiéis.

Finalmente, por causa da agregação de funções e graças ao desenvolvimento tecnológico, houve também a multiplicação dos meios de circulação desses textos. Hoje o acesso aos cânticos religiosos de diversas religiões está à disposição de qualquer pessoa, crente ou não. Algumas religiões, no entanto, têm o seu próprio hinário, cujos cânticos podem vir organizados segundo o tema, segundo o uso litúrgico, etc.

b) *Dimensão linguística*

A análise da dimensão linguística considerou 3 pontos específicos: o uso de frases interrogativas, o uso do imperativo em relação ao interlocutor e os procedimentos de referências intertextuais.

a) O uso de frases interrogativas como recurso argumentativo.

Nos salmos é possível observar uma grande ocorrência de frases interrogativas. Neste trabalho tomarei como objeto de análise apenas as ocorrências em que a interrogação é utilizada como recurso argumentativo.

¹²Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. (Salmo 19:12, grifo meu)

⁹Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova?
Louvar-te-á, porventura, o pó?

Declarará ele a tua verdade?

¹⁰Ouve, SENHOR, e tem compaixão de mim; sê tu, SENHOR, o meu auxílio. (Salmo 30:9, 10, grifo meu)

A partir dos versículos destacados acima, é possível identificar um processo argumentativo entre o salmista e o seu interlocutor (neste caso, Deus). A interrogativa apresentada é um recurso retórico utilizado pelo salmista para apresentar a sua oração a Deus.

De acordo com Campos e Xavier (1991:347), a interrogação retórica é uma asserção, não uma verdadeira interrogação, e funciona da seguinte maneira: quando a interrogação retórica é positiva, a asserção é negativa; quando a interrogação retórica é negativa, a asserção é positiva. Assim, no versículo 12, por exemplo, temos:

12 Quem há que possa discernir as próprias faltas?

(Interrogação positiva)

↓

Não há quem possa / ninguém pode discernir as próprias faltas.

(Asserção negativa)

O processo argumentativo, no exemplo acima, acontece por meio da estrutura lógica *se p, então q*, utilizada

implicitamente pelo autor. Sendo *p* a asserção negativa obtida a partir da interrogação retórica do versículo 12.

Se ninguém pode discernir as
próprias faltas (p)

Então absolve-me das que me são
ocultas (q)

Ou seja, o autor utiliza a interrogação retórica para estabelecer a asserção de base da sua argumentação para com Deus. Se ninguém é capaz de discernir as próprias faltas, só resta a Deus absolver o salmista.

Para Afonso (2010:430) a interrogação retórica reflete um ‘discurso de autoridade’, uma vez que corta a voz do co-enunciador, impedindo-o de se instituir como enunciador. A autora acrescenta ainda que tal recurso é uma das características do discurso político e religioso.

Interessante observar sobre tal questão nos textos bíblicos é que, por um lado, se observa um discurso de autoridade quando o autor dirige-se à congregação de fiéis, ou quando, por meio do discurso direto, reproduz a voz de Deus. Por outro lado, nos salmos, a maior parte das interrogativas tem como primeiro enunciador o salmista e como interlocutor Deus.

⁸Atendei, ó estúpidos dentre o povo; e vós, insensatos, quando sereis prudentes? (Sl. 94:8)

⁸Por ti, SENHOR, clamei, ao Senhor implorei. ⁹Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Louvar-te-á, porventura, o pó? Declarará ele a tua verdade? ¹⁰Ouve, SENHOR, e tem compaixão de mim; sê tu, SENHOR, o meu auxílio. (Salmo 30:8-10, grifo meu)

No Sl. 94 os interlocutores são o salmista e o povo. Já no Sl. 30, o salmista e Deus. Comparando o uso da interrogativa retórica, por um lado corrobora-se a afirmação de Afonso (2010) relativamente ao discurso de autoridade no Sl. 94. É usual, nos salmos, verificar-se o discurso de autoridade do salmista, enquanto líder religioso ou político, em relação ao povo para exortar, convocar, disciplinar os fiéis. Por outro lado, também se verifica que a mesma estrutura (a interrogação retórica) mantém-se nos dois exemplos, não apresenta o mesmo valor.

No Sl. 30, a despeito do facto de impedir que o co-enunciador estabeleça como enunciador, a interrogativa retórica em seu contexto, não pode ser associada ao discurso de autoridade do salmista em relação a Deus. Pelo contrário, aponta para o facto de o salmista reconhecer a autoridade de Deus sobre si, refletindo um tom de submissão.

O uso da interrogação retórica como recurso argumentativo também é recorrente nos cânticos contemporâneos.

Quando de joelhos eu Te olho,
Jesus,
Vejo Tua grandeza e minha
pequenez.
Que posso dar-te eu? Apenas meu
ser!
Eu sou Teu! Eu sou Teu!
(Cântico do Ofertório, Paróquia de
São Pedro do Prior Velho,
12fev2012, grifo meu)

Nesse cântico, os interlocutores são o autor e Deus. Assim como nos exemplos dos salmos acima, o verso 3 apresenta a ocorrência de uma interrogativa retórica.

Que posso dar-te eu?
(Interrogação positiva)
↓
**Não te posso dar nada / Nada
posso dar**
(Asserção negativa)

Nesse verso, o autor não só corta a voz do interlocutor, mas também responde à uma pergunta que não é suposto ser respondida. Ao fazer isso, estabelece a equivalência entre a asserção estabelecida pela interrogativa retórica e a resposta dada.

**Não te posso dar nada / Nada
posso dar**
=
(posso dar) Apenas meu ser.

A equivalência é reforçada pelo *apenas*. Vale ainda referir que o verbo *dar*, em seu sentido pleno, requer um complemento que possa sofrer uma mudança de localização de y (autor) para z (interlocutor). Isto é, uma entidade x possuída por y (nesse caso, o autor) é transferida para z (nesse exemplo, o interlocutor = Deus), como resultado de uma situação eventiva intencional de y (Dowty, 1979; Butt & Geuder, 2001 *apud* Gonçalves, Oliveira, Miguel, Mendes, Cunha, Silvano, Duarte, Silva, Colaço, 2010). No exemplo acima, contudo a entidade x equivale ao *ser* [do autor], entidade esta inválida, pois não é possível realizar uma mudança de localização.

Quando se faz a equivalência entre a asserção estabelecida pela pergunta retórica e a resposta dada pelo autor, tem-se que:

**Não te posso dar nada / Nada
posso dar**
=
(posso dar) Apenas meu ser.
=
NADA

A partir da equivalência, o *ser* [do autor] é igual a nada, contudo o facto de não ser uma entidade que possa ser transferida de y para z, por ser a própria vida do autor, excedendo qualquer outra entidade, por isso ganha um valor de tudo.

b) O uso do verbo no imperativo

O emprego do verbo no imperativo ocorre quando o intuito do locutor é exortar o interlocutor a cumprir a ação do verbo; é o imperativo o modo da exortação, do conselho, do convite e também da ordem e do comando (Cunha e Cintra, 2005[1984]).

Observa-se nos salmos o uso recorrente do imperativo. O foco deste tópico é apresentar uma breve análise sobre o valor do imperativo em função do interlocutor do salmista ou do autor do cântico. Assim, dividimos a análise em dois momentos. No primeiro, analisaremos os textos cujos interlocutores é Deus. No segundo, o interlocutor é o povo, i.e. a congregação de fiéis.~

b.1. Salmos e cânticos: Deus como interlocutor

Quando o salmista/autor dirige-se a Deus e usa o verbo no imperativo, o sentido deste verbo é de clamor, súplica.

¹Ouve, Senhor, a justa causa;
atende ao meu clamor; dá ouvidos à
minha oração, que não procede de
lábios enganosos. (Salmo17:1)

¹Dá ouvidos, SENHOR, às minhas
palavras e acode ao meu gemido.

²Escuta, Rei meu e Deus meu, a
minha voz que clama, pois a ti é
que imploro. (Salmo 5:1,2)

Verbos como *ouvir*, *atender*, *responder*, *dar* (ouvidos), *escutar*, *acudir* são muito frequentes nos salmos quando o salmista tem Deus como interlocutor.

O interlocutor é Deus, o verbo é transitivo e o complemento funciona como um classificador, ou seja, o complemento reconfigura o imperativo, como que orientando o interlocutor para a maneira como deve interpretar tais imperativos (Clamor, súplica, pedido)

O mesmo tom de súplica pode ser observado no cântico abaixo.

Toma meus braços, Te peço;

Toma meus lábios, Te amo;

Toma a minha vida,

Ó Pai: Eu sou Teu! (2x)

(Cântico do Ofertório, Paróquia de
São Pedro do Prior Velho,
12fev2012, grifos meus)

Nesse cântico o autor apresenta diante de Deus o seu desejo de estar em Sua presença, mas revela também a sua incapacidade de fazê-lo, por isso pede que

Deus o purifique para que ele tenha livre acesso ao santuário.

b.2. Em relação ao Povo

Quando o salmista/autor dirige-se ao povo e usa o verbo no imperativo, o sentido deste verbo é de exortação, convocação.

“vós que temeis o Senhor, louvai-o; glorificai-o, vós todos, descendência de Jacó; reverenciái-o (grifos meus), vós todos, posteridade de Israel.” (Sl.22:23)

“Aclame ao Senhor toda a Terra e cantemos

Poder, majestade e louvores ao Rei”
(Darlene Zschech, Aclame ao Senhor⁴)

“Allons de l’avant, Témoins de Dieu / Prêchons le Royaume à tous.

Parlons à autrui du fond du coeur. / Que notre parole soit douce.” (En avant, ministres du Royaume!⁵)

Comparando os três excertos, pode-se observar que o uso do imperativo realmente implica o sentido de convocação e exortação. Contudo, nos salmos o salmista não se inclui; ele, como autor, assume uma posição autoridade em relação ao povo. No caso dos cânticos há a convocação, mas há

também a inclusão do autor neste chamado, não se estabelece uma hierarquia.

c) O procedimento de referências intertextuais

Tanto nos salmos quanto nos cânticos religiosos há uma forte convocação de outros textos. No caso dos salmos, como é óbvio, as referências limitam-se aos textos do Antigo Testamento. Já os cânticos religiosos fazem referência à Bíblia, mas à primeira vista, os cânticos cristãos tendem a privilegiar o Novo Testamento.

O salmo 78 faz referência aos feitos de Deus citados nos capítulos 13, 14 e 17 do livro de Êxodo.

“12. Maravilhas fez ele à vista de seus pais na terra do Egito, no campo de Zoá.

13. Dividiu o mar, e os fez passar por ele; fez com que as águas parassem como um montão.

14. Também os guiou de dia por uma nuvem, e a noite toda por um clarão de fogo.

15. Fendeu rochas no deserto, e deu-lhes de beber abundantemente como de grandes abismos.

16. Da penha fez sair fontes, e fez correr águas como rios.” (Sl. 78:12-16)

⁴ <http://letras.terra.com.br/diante-do-trono/423844/>

⁵ In. Louons Jéovah par nos chants, 1986. (Livro de cânticos dos Testemunhas de Jeová).

O cântico *Como uma corça* recorre a diversas passagens, nomeadamente Êxodo 15:2, Salmos 27:1, 28:7, 42:1 e 118:14 e ainda a Isaías 12:2. Como pode ser observado, todas as referências são do Antigo Testamento.

“Como a corça suspira pelas águas / Por Ti Senhor suspirou eu / Minha alma busca os teus átrios / Meu espírito quer Te adorar / Tu Senhor fonte de água viva / No meu ser faz meu rio transbordar / O Senhor é a minha força / E a minha salvação / Fortaleza da minha vida / Meu escudo e proteção / Jesus Jesus / Fortaleza da minha vida / Meu escudo e proteção” (Asaph Borba, *Como a corça*⁶)

No cântico acima, apesar de majoritariamente referir-se ao Antigo Testamento, ao assumir “Jesus” como “escudo e proteção” realiza a transposição das profecias messiânicas do Antigo Testamento para o cumprimento destas no Novo Testamento.

Considerações Finais

O trabalho apresentado constitui uma reflexão acerca dos salmos como género textual, mas está longe de esgotar a complexidade do tema. As considerações

que apresento não procuram, portanto, ser exaustivas, muito menos conclusivas, mas constituem observações iniciais sobre tudo o que foi observado a fim de destacar problemáticas que, futuramente poderão ser alvo de minha atenção.

Enquanto género textual, os salmos podem ser definidos como cânticos ou orações, geralmente recitadas com acompanhamento musical que têm a finalidade de acompanhar o serviço religioso. Comparando os salmos com os cânticos religiosos contemporâneos, podemos destacar que estes últimos assumiram a função litúrgica dos salmos nas celebrações religiosas e são ainda instrumento de evangelização.

Quanto ao aspeto linguístico, é perceptível a semelhança entre salmos e cânticos, nomeadamente em relação ao uso de frases interrogativas como recurso argumentativo, o uso do imperativo com sentido de súplica quando direcionado a Deus e com sentido de ordem (convocação) em relação ao povo e no que se refere as intertextualidade com as passagens bíblicas. Diferenciam-se, no entanto, quando no uso do imperativo, os autores dos cânticos incluem-se, isto é, não exercem uma posição de autoridade sobre seus interlocutores. Em relação às referências intertextuais, os cânticos também recorrem ao novo testamento, por razões óbvias de tempo de produção.

Ao final da análise constatei que os salmos sofreram dois fenómenos: o fenómeno de

⁶ In. <http://letras.terra.com.br/asaph-borba/172283/>

renovação, na medida em que ainda são objeto de atenção, mas tiveram a sua função renovada, isto é, são lidos, actualmente como textos instrutivos; e o fenómeno de evolução, isto é, evoluíram até constituírem um novo género, que conhecemos hoje como cântico religioso.

Bibliografia

AFONSO, A. 2010. *A interrogação. Estudo de propriedades e valores*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

ALTER, Robert e Kermode, Frank (org.). 1997. *Guia literário da Bíblia*. [Trad. Raul Fiker]. São Paulo : UNESP.

BRONCKART, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sociodiscursif*. Paris : Delachaux et Niestlé.

_____. 2004. *La médiation langagière, son statut et ses niveaux de réalisation*. /texto fotocopiado/

COUTINHO, Maria Antónia. 2005. *Para uma linguística dos géneros de texto*. Diacrítica 19/1, 73-88.

_____. 2006. *O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística*. Veredas 10 (1-2). URL: [http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo07.pdf]

_____. 2007. *Descrever géneros de texto: resistências e estratégias*. IV

Simpósio Internacional de Estudos de Géneros Textuais (SIGET), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, Brasil, 15-18 de Agosto de 2007 (Publicação em CD-Rom)

DAVIDSON, F. (org.). 1997. *O Novo Comentário da Bíblia*. 3ª Ed. [editor em Português, R.P. Shedd], São Paulo, Vida Nova.

DOUGLAS, J.D. (org. e ed.). 1995. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª Ed. [editor em Português, R.P. Shedd; trad. João Bentes], São Paulo, Vida Nova.

FEE, G. e Stuart, D. 1997. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 2ªed. São Paulo, Vida Nova.

GONÇALVES, A., F. Oliveira, M. Miguel, A. Mendes, L. F. Cunha, P. Silvano, I. Duarte, F. Silva, M. Colaço (2010) “Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva”. XXXIX Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL), Santiago de Compostela, 1-4 Fevereiro 2010. URL: http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/actas_sel.pdf

HILL, A.E. e Walton, J. H. 2007 [2001] *Paranora do Antigo Testamento*. Trad. Lailah de Noronha. São Paulo: Editora Vida.

KOCH, Ingedore V., Anna Cristina Bentes e Mônica Magalhães Cavalcante. (2008)

Intertextualidade: diálogos possíveis. 2ª ed.

São Paulo, Cortez.

LASOR, W., Hubbard, D. e Bush, F.

(1999). *Introdução ao Antigo Testamento*,

São Paulo, Vida.

Outras fontes:

Bíblia de Estudo Vida. (1993) [tradução da

Bíblia] João Ferreira de Almeida 2ª Ed.,

São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil.